

9 cópias 6.24
base
10 21

ALBERT HOURANI,

UMA HISTÓRIA DOS POVOS ÁRABES

Tradução:
MARCOS SANTARRITA

2ª edição
8ª reimpressão



2001.

O MUNDO MUÇULMANO ÁRABE

ESTADOS E DINASTIAS

No fim do século X, passara a existir um mundo islâmico, unido por uma cultura religiosa comum, expressa em língua árabe, e por relações humanas forjadas pelo comércio, a migração e a peregrinação. Mas esse mundo não mais se corporificava numa unidade política única. Três governantes reivindicavam o título de califa, em Bagdá, no Cairo e em Córdoba, e ainda outros que eram governantes de fato de estados independentes. Isso não surpreende. Ter mantido tantos países, com diferentes tradições e interesses, num único Império por tanto tempo fora um feito notável. Dificilmente poderia ter sido conseguido sem a força da convicção religiosa, que formara um grupo dominante efetivo na Arábia Ocidental, e depois criara uma aliança de interesses entre esse grupo e uma parte em expansão das sociedades sobre as quais governava. Nem os recursos militares nem administrativos do Califado Abácida eram tais que pudessem capacitá-lo a manter a estrutura de unidade política para sempre, num Império que se estendia da Ásia Central à costa do Atlântico, e do século X em diante a história política de países cujos governantes, e uma parte cada vez maior da população, eram muçulmanos ia ser uma série de histórias regionais, de ascensão e queda de dinastias cujo poder se irradiava de suas capitais para fronteiras em geral não claramente definidas.

Não se fará qualquer tentativa aqui de dar em detalhes a história de todas essas dinastias, mas pelo menos deve-se deixar claro o quadro geral dos acontecimentos. Para isto, o mundo islâmico pode ser dividido em três amplas áreas, cada uma com seus centros próprios de poder. A primeira delas incluía o Irã, a terra além do Oxo, e o sul do Iraque; durante algum tempo após o século X, seu principal centro de poder continuou a ser Bagdá, destacando-se no coração de um rico distrito agrícola e de uma ampla rede de comércio, e com a influência e o prestígio acumulados durante séculos de governo dos califas abácidas. A segunda área incluía o Egito, a Síria e a Arábia

Ocidental; seu centro de poder ficava no Cairo, a cidade construída pelos fatímidas no meio de uma zona rural extensa e produtiva, e no coração de um sistema de comércio que ligava o mundo do oceano Índico ao do mar Mediterrâneo. A terceira incluía o Magreb e as áreas muçulmanas da Espanha conhecidas como Andalus; nessa área não havia um centro predominante de poder, mas vários, que ficavam em regiões de extenso cultivo e em pontos a partir dos quais se podia controlar o comércio entre a África e diferentes áreas do mundo mediterrâneo.

De maneira um tanto simplificada, a história política de todas as três regiões pode ser dividida num certo número de períodos. O primeiro deles cobre os séculos XI e XII. Nesse período, a área oriental foi dominada pelos seljúcidas, uma dinastia turca apoiada por um exército turco e adepta do Islã sunita. Eles estabeleceram-se em Bagdá em 1055 como governantes de fato, sob a suserania dos abácidas, dominaram o Irã, o Iraque e a maior parte da Síria, e conquistaram partes da Anatólia do imperador bizantino (1038-1194). Não se diziam califas. Entre os termos usados para descrever esta e outras dinastias, será mais conveniente usar o de "sultão", que quer dizer mais ou menos "detentor do poder".

No Egito, os fatímidas continuaram a governar até 1171, mas foram então substituídos por Salah al-Din (Saladino, 1169-93), um chefe militar de origem curda. A mudança de governantes trouxe consigo uma mudança de aliança religiosa. Os fatímidas pertenciam ao ramo ismaelita dos xiitas, mas Saladino era sunita, e conseguiu mobilizar a força e fervor religioso dos muçulmanos egípcios e sírios para derrotar os cruzados europeus que haviam estabelecido estados cristãos na Palestina e na costa síria no fim do século XI. A dinastia fundada por Saladino, a dos aiúbidas, governou o Egito de 1169 a 1252, a Síria até 1260, e parte da Arábia Ocidental até 1229.

Na área ocidental, o Califado Omíada de Córdoba decompôs-se nos primeiros anos do século XI em vários reinos pequenos, e isso possibilitou aos estados cristãos que haviam sobrevivido no norte da Espanha começarem a expandir-se para o sul. Mas essa expansão foi contida por algum tempo, pelo sucessivo aparecimento de duas dinastias que extraíam seu poder de uma idéia de reforma religiosa combinada com a força dos povos berberes do campo marroquino: primeiro os almorávidas, que vinham das margens do deserto do sul do Marrocos (1056-1147), e depois os almôadas, cujo apoio vinha de berberes das montanhas Atlas, e cujo Império em sua maior extensão incluiu o Marrocos, Argélia, Tunísia e a parte muçulmana da Espanha (1130-1269).

Um segundo período abrange, muito por cima, os séculos XIII e XIV. Durante o XIII, a área oriental foi perturbada pela irrupção no mundo muçulmano de uma dinastia mongol não muçulmana, vinda da Ásia Oriental, com um exército formado de tribos mongóis e turcas das estepes da Ásia interior. Eles conquistaram o Irã e o Iraque, e puseram fim ao Califado dos Abácidas em Bagdá, em 1258. Um ramo da família governante reinou no Irã e Iraque

por quase um século (1256-1336), e nesse tempo foi convertido ao Islã. Os mongóis tentaram marchar para oeste, mas foram detidos na Síria por um exército do Egito, formado por escravos militares (mamelucos), trazido para o país pelos aiúbidas. Os chefes desse exército depuseram os aiúbidas e formaram uma autoperpetuante elite militar, oriunda do Cáucaso e da Ásia Central, que continuou a governar o Egito por mais de dois séculos (os mamelucos, 1250-1517); também governou a Síria a partir de 1260, e controlou as cidades santas na Arábia Ocidental. Na área ocidental, a dinastia almôada deu lugar a vários estados sucessores, incluindo o dos marínidas no Marrocos (1196-1465) e o dos hafsidas, que governou a partir de sua capital, Túnis (1228-1574).

Esse segundo período foi um daqueles em que mudaram consideravelmente as fronteiras do mundo muçulmano. Em alguns lugares, as fronteiras contraíram-se sob os ataques dos estados cristãos da Europa Ocidental. A Sicília foi perdida para os normandos do norte da Europa, e a maior parte da Espanha para os reinos cristãos do norte; em meados do século XIV, eles tinham todo o país, com exceção do Reino de Granada no sul. Tanto na Sicília quanto na Espanha, a população muçulmana continuou a existir por algum tempo, mas acabaria sendo extinta pela conversão ou expulsão. Por outro lado, os estados estabelecidos pelos cruzados na Síria e na Palestina foram finalmente destruídos pelos mamelucos, e a expansão na Anatólia, que começara sob os seljúcidas, foi continuada por outras dinastias turcas. Quando isso aconteceu, mudou a natureza da população, com a chegada de tribos turcas e a conversão de grande parte da população grega. Houve também uma expulsão de governos e população muçulmanos para leste, no norte da Índia. Na África, igualmente, o Islã continuou a espalhar-se ao longo das rotas comerciais, pelo Sahel adentro, na margem sul do deserto do Saara, pelo vale do Nilo abaixo, e ao longo da costa oriental africana.

No terceiro período, cobrindo mais ou menos os séculos XV e XVI, os estados muçulmanos viram-se diante de um novo desafio dos estados da Europa Ocidental. A produção e o comércio das cidades europeias aumentaram; têxteis exportados por mercadores de Veneza e Gênova concorriam com os produzidos nas cidades do mundo muçulmano. A conquista cristã da Espanha foi completada com a extinção do Reino de Granada em 1492; toda a península era agora governada pelos reinos cristãos de Portugal e Espanha. O poder da Espanha ameaçava o domínio muçulmano no Magreb, como o fazia o dos piratas do sul da Europa no Mediterrâneo Oriental.

Ao mesmo tempo, mudanças nas técnicas navais e militares, e em particular o uso da pólvora, tornaram possíveis uma maior concentração de poder e a criação de estados mais poderosos e duradouros, que se estenderam sobre a maior parte do mundo muçulmano nesse período. No Extremo Oriente, novas dinastias sucederam os marínidas e outros: primeiro os saddidas (1511-1628), e depois os alauítas, que governam desde 1631 até hoje. No outro

extremo do Mediterrâneo, uma dinastia turca, a dos otomanos, surgiu na Anatólia, na disputada fronteira com o Império Bizantino. Expandiu-se dali para o sudeste da Europa, e depois conquistou o resto da Anatólia; a capital bizantina, Constantinopla, tornou-se a capital otomana, agora conhecida como Istambul (1453). No início do século XVI, os otomanos derrotaram os mamelucos e absorveram a Síria, Egito e Arábia Ocidental em seu Império (1516-17). Depois assumiram a defesa da costa do Magreb contra a Espanha, e ao fazerem isso tornaram-se sucessores dos hafsidas e governantes do Magreb até as fronteiras do Marrocos. Seu Império iria durar, de uma forma ou de outra, até 1922.

Mais a leste, a última grande incursão de um governante com um exército oriundo das tribos do interior da Ásia, a de Tamerlão, deixou atrás uma dinastia no Irã e na Transoxiana, mas não por muito tempo (1370-1506). No início do século XVI, fora substituída por uma nova e mais duradoura, a dos safávidas, que estenderam seu domínio da região noroeste do Irã a todo o país e além (1501-1732). Os mogóis, uma dinastia descendente da família governante mongol e de Tamerlão, criou um Império no norte da Índia, com a capital em Déli (1526-1858).

Além destes quatro grandes estados, o dos alauitas, otomanos, safávidas e mughals, havia outros menores, na Criméia e na terra além do Oxo, na Ásia Central e Oriental, e nas terras recém-convertidas ao Islã na África.

ÁRABES, PERSAS E TURCOS

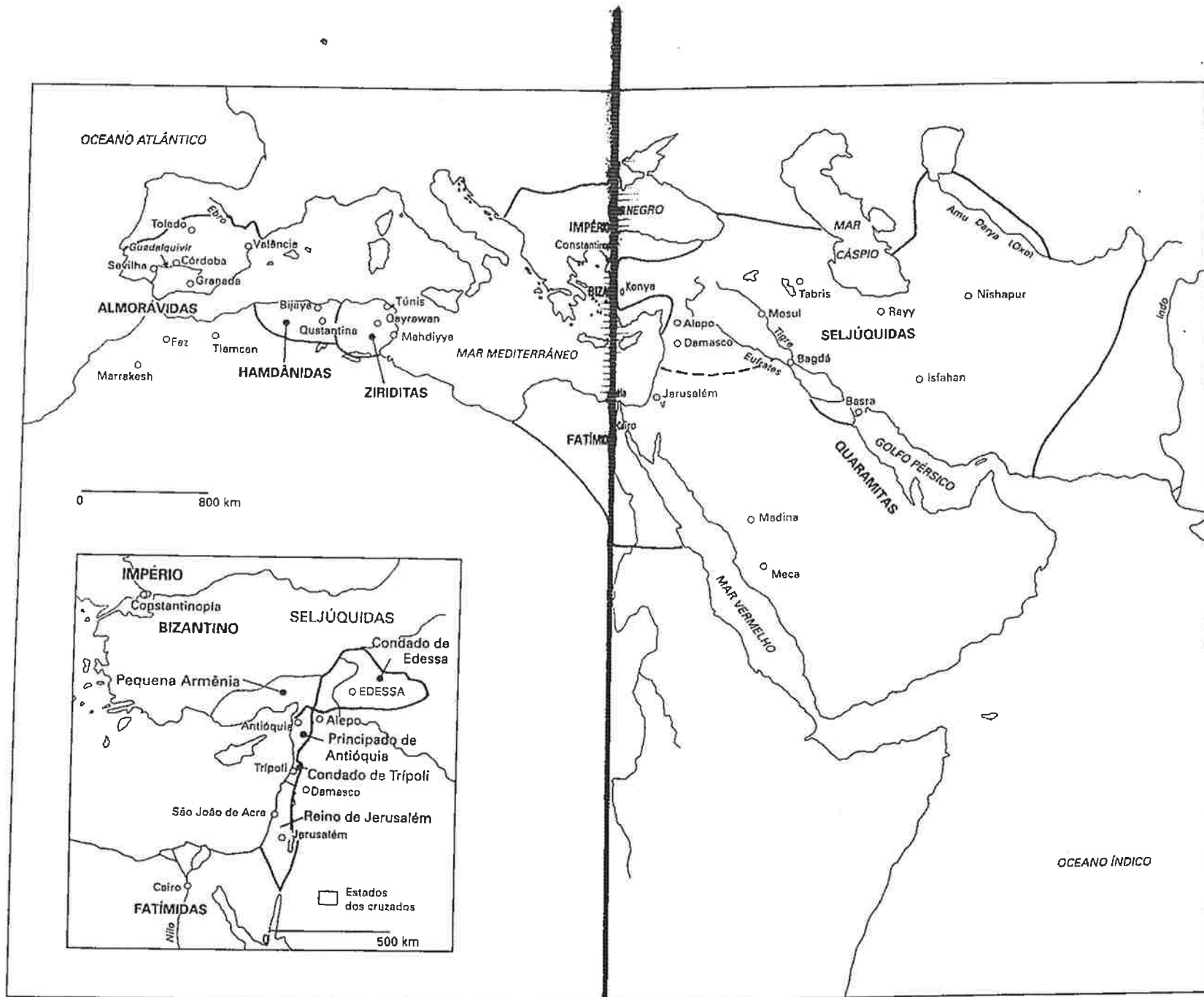
Essas mudanças políticas não destruíram a unidade cultural do mundo do Islã; ela foi-se tornando mais profunda, à medida que um volume cada vez maior da população se tornava muçulmana e a fé do Islã se articulava em sistemas de pensamento e instituições. Com o correr do tempo, no entanto, começaram a surgir divisões nessa ampla unidade cultural; na parte oriental do mundo islâmico, o advento do Islã não submergiu a consciência do passado na mesma medida em que fez na ocidental.

Na parte ocidental do mundo muçulmano, a língua árabe extinguiu aos poucos as vernaculares. No Irã e em outras regiões orientais, porém, continuou-se usando o persa. A diferença entre árabes e persas persistiu desde quando os conquistadores árabes envolveram o Império Sassânida, atraindo seus funcionários para o serviço dos califas abácidas e sua classe educada para o processo de criação da cultura islâmica. O sentido de diferença, com nuances de hostilidade, encontrou expressão na *shu'ubiyya*, uma polêmica literária travada em árabe sobre os méritos relativos dos dois povos na formação do Islã. O pálvavi continuou sendo usado pelos persas tanto nos textos religiosos zoroastrianos quanto, por algum tempo, na administração do governo.

No século X, começou a surgir uma coisa nova: uma alta literatura num novo tipo de língua persa não muito diferente do pálvavi em estrutura gramatical, mas escrita em caracteres árabes e com um vocabulário enriquecido por palavras tomadas do árabe. Isso parece ter acontecido primeiro no Irã Oriental, nas cortes de governantes locais não familiarizados com o árabe. De certa forma, a nova literatura refletia os tipos de textos em árabe correntes em outras cortes: poesia lírica e panegírica, história e, em certa medida, obras religiosas. Mas havia outra forma de texto, distintamente persa. O poema épico que registrava a história tradicional do Irã e seus governantes já existia em tempos pré-islâmicos; agora era revivido e expresso no novo persa, e recebeu sua forma final no *Shah-nameh* de Firdawsi (c. 940-1020). Entre os países muçulmanos, o Irã era praticamente único no ter uma ligação forte e consciente com seu passado pré-islâmico. Isso não levou, porém, a uma rejeição de sua herança islâmica; dessa época em diante, os persas continuaram a usar o árabe para os textos legais e religiosos, e o persa para a literatura secular, e a influência dessa dupla cultura se estendeu para o norte, na Transoxiana, e para leste, no norte da Índia.

Dessa forma, os países muçulmanos dividiram-se em duas partes, uma onde o árabe era a língua exclusiva da alta cultura, e outra onde tanto o árabe quanto o persa eram usados para diferentes propósitos. Interligada com essa divisão lingüística havia outra entre centros de poder político. A ascensão dos fatímidas no oeste, e depois a dos seljúcidas no leste, criaram uma fronteira, apesar de instável, entre a Síria e o Iraque. No século XIII, a abolição do Califado Abácida e a destruição do poder de Bagdá pelos mongóis, e depois a derrota destes pelos mamelucos na Síria, tornaram essa divisão permanente. Daí em diante, no leste havia regiões governadas por estados que tinham centros no Irã, Transoxiana ou norte da Índia, e a oeste os governados a partir do Cairo ou cidades do Magreb e da Espanha; o sul do Iraque, que fora o centro, tornou-se uma região de fronteira. Essa divisão continuou existindo, em outra forma, quando os safávidas ascenderam ao poder no Irã e os otomanos absorveram em seu Império a maior parte dos países de língua árabe; por algum tempo, os dois impérios lutaram pelo controle do Iraque.

A divisão política, no entanto, não podia ser descrita como entre árabes e persas, pois do século XI em diante a maioria dos grupos governantes nas duas áreas não era nem árabe nem persa em origem, língua ou tradição política, mas turca, descendente dos povos pastoris nômades da Ásia interior. Eles haviam começado a cruzar a fronteira nordeste do domínio do Islã no período abácida. A princípio vieram indivíduos, mas depois grupos inteiros cruzaram a fronteira e tornaram-se muçulmanos. Alguns haviam entrado nos exércitos dos governantes, e com o tempo surgiram dinastias entre eles. Os seljúcidas eram de origem turca, e ao se expandirem para a Anatólia, a oeste, os turcos os acompanharam. Muitos dos mamelucos que governaram o Egito vinham de terras turcas; a maior parte dos exércitos mongóis era formada



O Oriente Médio e o Magreb em fins do século XI

por turcos, e a invasão mongol teve o efeito permanente de assentar um grande número de turcos no Irã e na Anatólia. Mais tarde, as dinastias otomana, safávida e mogol apoiaram sua força em exércitos turcos.

As dinastias estabelecidas pelos turcos continuaram a usar formas da língua turca no exército e no palácio, mas acabaram sendo atraídas ao mundo da cultura árabe ou árabe-persa, ou pelo menos atuaram como seus patronos e guardiães. No Irã, o turco era a língua de governantes e exércitos, o persa a da administração e cultura secular, e também a da cultura religiosa e legal. A oeste, fosse qual fosse a língua do governante, o árabe era a dos funcionários públicos e da alta cultura; mais tarde isso mudou em certa medida, quando a ascensão do Império Otomano levou à formação de uma língua e uma cultura turco-otomanas distintas, que eram as dos altos funcionários e também do palácio e do exército. No Magreb e no que restava da Espanha muçulmana, o árabe era a língua dominante de governo e também da alta cultura; embora berberes das montanhas Atlas e das margens do Saara desempenhassem um papel político de vez em quando, na medida em que isso acontecia eles eram atraídos para a cultura árabe. Mesmo aqui, porém, a conquista otomana no século XVI levou algo de sua língua e cultura política à costa do Magreb.

Este livro trata da parte ocidental do mundo islâmico, aquela em que o árabe era a língua dominante na alta cultura e, numa forma ou noutra, na fala coloquial. Seria errado, claro, pensar que essa era uma região nitidamente isolada do mundo em torno dela. Os países de língua árabe ainda tinham muito em comum com os de língua persa e turca; as terras em torno do oceano Índico e do mar Mediterrâneo tinham estreitas ligações umas com as outras, fosse a religião dominante o Islã ou não; todo o mundo vivia dentro das mesmas restrições impostas pela limitação de recursos humanos e do conhecimento técnico de como usá-los. Seria também demasiado simples pensar nessa vasta região como formando um único "país". Melhor seria pensar nos lugares onde o árabe era a língua dominante como um grupo de regiões distintas umas das outras em termos geográficos e naturais, e habitadas por povos com tradições sociais e culturais características, que ainda subsistiam em modos de vida e talvez também em hábitos de pensamento e sentimento, mesmo onde a consciência do que existira antes do advento do Islã enfraquecera ou praticamente desaparecera. Processos sociais mais ou menos semelhantes podem ser vistos nessas regiões, e uma língua comum e a cultura nela expressa facilitavam às classes urbanas letradas o intercâmbio umas com as outras.

DIVISÕES GEOGRÁFICAS

Na área em que o árabe era dominante, é possível — com alguma simplificação — distinguir cinco regiões. A primeira é a península Arábica, onde

surgira a comunidade muçulmana de língua árabe. A península é uma massa de terra isolada do mundo em três lados, pelo mar Vermelho, o golfo Pérsico e o mar Arábico (parte do oceano Índico), e dividida em várias áreas diferentes umas das outras em natureza física e, na maioria dos períodos, em desenvolvimento histórico. A linha básica de divisão corre mais ou menos de norte a sul, paralela ao mar Vermelho. No lado ocidental da linha, há uma área de rocha vulcânica. A planície costeira, Tihama, eleva-se em cadeias de morros e planaltos, depois em cadeias de montanhas mais altas — Hedjaz, 'Asir e Iêmen — com picos de até 4 mil metros acima do nível do mar, no sul. As montanhas do sul prolongam-se para sudeste, cortadas por um grande vale, o Wadi Hadramaut.

As montanhas do Iêmen ficam na ponta extrema da área tocada pelos ventos de monção do oceano Índico, e essa era a área onde há muito se fazia o cultivo regular de frutas e grãos. Mais ao norte, a precipitação pluvial é mais limitada e irregular, não há rios de qualquer tamanho, mas um limitado abastecimento de água que vem de nascentes, poços e riachos sazonais; o estilo de vida que melhor aproveitava os recursos naturais combinava a criação de camelos e outros animais, por um movimento mais ou menos regular durante o ano, com o cultivo de tâmaras e outras árvores nos oásis onde a água era abundante.

A leste das montanhas, a terra inclina-se para leste em direção ao golfo Pérsico. No norte e no sul, há desertos (o Nafud e o "Quadrado Vazio"), e entre eles uma estepe rochosa, Najd, e sua extensão na margem do golfo Pérsico, al-Hasa. A não ser por algumas regiões montanhosas no norte, a chuva é pouca, mas nascentes e riachos sazonais tornam possível manter uma vida constante baseada no cultivo dos oásis; em outras partes, pastoreavam-se camelos com migrações sazonais em longas distâncias. No canto sudeste da península, há uma terceira área, Omã, não dessemelhante do Iêmen no sudoeste. Da planície costeira eleva-se uma cadeia de montanhas a uma altura de mais de 3 mil metros; aqui, nascentes e riachos dão água que, distribuída por um antigo sistema de irrigação, tornou possível a agricultura permanente. Na costa fica uma cadeia de portos a partir dos quais se pratica a pesca nas águas do golfo Pérsico, e o mergulho em busca de pérolas, desde tempos antigos.

Na parte ocidental da península, rotas que correm do sul para o norte ligavam as terras em torno do oceano Índico aos países da bacia do Mediterrâneo. Na parte oriental, as principais rotas eram as que corriam ao longo de uma cadeia de oásis até a Síria e o Iraque. Os portos na costa do golfo Pérsico e Omã eram ligados por rotas marítimas às costas da Índia e da África Oriental. Mas a produção de alimentos e matérias-primas era pequena demais para que os portos e aldeias de feira se tornassem grandes cidades, centros de manufatura e poder. Meca e Medina, as cidades santas, eram mantidas pelas generosidades dos países vizinhos.

Ao norte, a península Arábica junta-se a uma segunda área, o Crescente Fértil: a terra em forma de crescente em torno do deserto de Hamad ou Sírio,

uma extensão para norte da estepe e deserto de Najd. É uma terra de antiga e distinta civilização, sobreposta na metade ocidental pelas da Grécia e Roma, e na oriental pelas do Irã; foi aí, mais que na península, que se desenvolveram a sociedade e cultura específicas do Islã.

A metade ocidental do Crescente Fértil forma uma área conhecida de uma geração anterior de estudiosos e viajantes como "Síria". Aqui, como na Arábia Ocidental, as principais divisões geográficas se dão de oeste para leste. Por trás de uma faixa costeira de planície, há uma cadeia de planaltos, erguendo-se no centro para as montanhas do Líbano e descendo no sul para os morros da Palestina. Além delas, para leste, fica uma depressão, parte da Grande Fenda que corta o mar Morto e o mar Vermelho até a África Oriental. Além dessa fica outra região montanhosa, a grande planície ou planalto do interior, que se transforma gradualmente na estepe ou deserto de Hamad. Em alguns lugares, sistemas antigos de irrigação usavam as águas do Orontes e de rios menores para manter oásis férteis, em particular o que ficava em torno da cidade de Damasco; em sua maior parte, porém, a possibilidade de cultivo dependia da chuva. Nas encostas orientais dos morros e montanhas litorâneas, a precipitação pluvial é suficiente para possibilitar o cultivo regular, contanto que o solo seja preparado pelo terraceamento das encostas; em outras partes, é mais precário, variando muito de ano para ano, e os extremos de calor e frio também são maiores. Nas planícies interiores, assim, as vantagens relativas do cultivo de grãos e pastoreio de camelos ou carneiros variam muito de uma época para outra.

A Síria era estreitamente ligada ao resto da bacia do Mediterrâneo Oriental por rotas marítimas que partiam de seus portos e por uma rota de terra que corria ao longo da costa até o Egito; para o interior, ligava-se também à Arábia Ocidental, e, por rotas que atravessavam o Hamad ou contornavam sua margem norte, a terras a leste. A combinação de comércio a longa distância com a produção de um excedente de alimentos e matérias-primas tornara possível o surgimento de grandes cidades, que ficavam nas planícies interiores mas ligadas com a costa — Alepo no norte e Damasco no centro.

As rotas que atravessavam ou contornavam o Hamad levavam aos vales dos rios gêmeos, Eufrates e Tigre. Nascendo na Anatólia, eles correm mais ou menos em direção sudeste, aproximam-se, separam-se, e finalmente juntam-se e deságuam no extremo norte do golfo Pérsico. A terra entre eles, e em torno, é dividida em duas áreas. No norte, na Jazira, conhecida dos primeiros viajantes e estudiosos como alta Mesopotâmia, a natureza da elevação tornava difícil usar a água do rio para a irrigação e o cultivo de grãos, a não ser na vizinhança imediata dos rios ou seus tributários; longe dos rios, a precipitação é incerta e o solo fino, e o equilíbrio favorecia na maioria das vezes a criação de carneiros, bois e camelos. A nordeste dos rios, porém, há outro tipo de terra, parte das cadeias de montanhas da Anatólia: muitas vezes chamada de Curdistão, pelos curdos que ali habitam. Ali, como nos vales mon-

tanhosos da costa síria, podia-se usar terra e água para cultivo de árvores nas regiões montanhosas e grãos mais abaixo, mas também para criar carneiros e cabras por transumância regular de pastos de inverno nos vales do rio para as pastagens de verão nas altas montanhas.

Mais para o sul, no Iraque, a natureza da terra é diferente. As neves das montanhas da Anatólia derretem-se na primavera e um grande volume de água desce pelos rios e inunda as planícies vizinhas. O depósito de aluvião deixado pelas enchentes em milhares de anos criou uma vasta planície aluvial, o Sawad, onde se cultivavam grãos e tâmaras em grande escala. A irrigação era aí mais fácil que no norte, porque a planície quase não tinha relevos, e desde os tempos da antiga Babilônia um grande sistema de canais levava a água para o Sawad. A lhanura da planície e a violência das enchentes tornavam necessário manter os canais em ordem. Se não fossem limpos e consertados, as águas das enchentes podiam transbordar as margens do rio, inundar a região vizinha e formar áreas de pântano permanente. A ausência de relevo também tornava fácil para os pastores nômades de Nadj passar aos vales do rio e usar a terra para pasto, em vez de agricultura. A segurança e prosperidade do Sawad dependiam da força dos governos, mas eles por sua vez extraíam seu alimento, materiais e riqueza do campo que protegiam. Uma sucessão de grandes cidades elevava-se no centro do Sawad, onde o Eufrates e o Tigre se aproximam: Babilônia, a Ctesifonte dos sassânidas, e a capital dos abácidas, Bagdá.

Além das ligações com a Síria e Najd, rotas partiam do Iraque para as regiões montanhosas iranianas a leste, porém mais facilmente para o sul do que para o norte. Os rios não favoreciam muito a navegação na maioria de sua extensão, mas a partir do ponto onde se juntavam e corriam juntos para o golfo Pérsico, rotas marítimas seguiam para os portos do golfo Pérsico e do oceano Índico. O principal terminal dessas rotas, Basra, foi por algum tempo o principal porto do Império Abácida.

A oeste da península Arábica, do outro lado do mar Vermelho e numa estreita ponta de terra para o norte, há um deserto, e além dessa uma terceira área, o vale do rio Nilo. Nascendo nas regiões montanhosas da África Oriental, o rio ganha força ao correr para o norte, e juntam-se a ele tributários que descem das montanhas da Etiópia. Corre através de uma bacia aluvial criada pelo lodo que depositou durante séculos, em parte uma larga planície, em outras uma faixa estreita, e em seu estágio final divide-se em braços e atravessa um fértil delta até o mar Mediterrâneo. No verão, depois que as neves se derretem nas montanhas da África Oriental, o nível da água sobe e o rio desce em enchente. Desde os primeiros tempos, vários artificios — o engenho, a roda d'água, o balde na ponta de uma vara — tornaram possível tirar água do rio em pequena escala. Em alguns lugares, sobretudo no norte, havia um antigo sistema de diques, que desviava a água quando o Nilo enchia para bacias de terra cercadas por margens, onde ela ficava por algum tempo

e depois era drenada de volta ao rio quando a enchente baixava, deixando o aluvião atrás a enriquecer o solo. Na terra assim irrigada, cultivavam-se em abundância grãos e outras colheitas. No deserto que se estendia ao longo do lado ocidental do rio, havia também alguns oásis de cultivo selecionado.

A parte norte do vale do Nilo forma a terra do Egito, um país com uma tradição de alta civilização e uma unidade social criada ou tornada permanente por uma longa história de controle político, exercido por governantes de uma cidade localizada no ponto onde o rio se divide em braços e corta o delta. O Cairo foi a última de uma sucessão de cidades que remontam a Mênfis, no terceiro milênio a.C. Ficava no centro de uma rede de rotas que corriam para os portos do Mediterrâneo no norte, e dali, por mar, para a Síria, Anatólia, o Magreb e a Itália; pela estrada costeira, para a Síria, a leste, e, também a leste, o mar Vermelho, e dali para o oceano Índico, e para o sul rumo ao vale do Nilo e a África Oriental e Ocidental.

Na parte superior do vale do Nilo, o domínio social do delta e da capital era mais fraco. O Nilo atravessa uma região praticamente sem chuvas. Em sua margem oriental, a área cultivável formava apenas uma faixa estreita, mas na ocidental a planura da terra tornava possível ampliar a faixa cultivável por irrigação. Ao sul dessa área sem chuvas fica uma de pesadas chuvas de verão, que podem durar de maio a setembro. Aí podia-se cultivar grão e criar gado, numa área que se estendia para oeste além do vale do rio até alcançar um semideserto arenoso, e para o sul até largas áreas de vegetação perene. Era o Sudão, terra de agricultura e pastoreio, de aldeias, acampamentos nômades e cidades de feiras, mas não de grandes cidades. Pelo Nilo, ligava-se ao Egito, e por rotas de terra à Etiópia e ao Sahel, a região em torno da margem sul do deserto do Saara.

Do deserto ocidental do Egito até a costa atlântica, estende-se uma quarta região, conhecida em árabe como o Magreb, a terra do Ocidente ou do sol poente; inclui os países hoje conhecidos como Líbia, Tunísia ou Argélia e Marrocos. Dentro dessa área, as divisões naturais mais óbvias correm do norte para o sul. Estendendo-se ao longo das costas mediterrânea e atlântica, há uma faixa de baixada que se alarga em planícies em alguns lugares: o Sahel da Tunísia e a planície da costa atlântica do Marrocos. Para dentro dessa faixa erguem-se cadeias de montanhas: Jabal Akhdar na Líbia, as montanhas do norte da Tunísia, o Atlas telúrico, e o Rif no Marrocos. Também para dentro, há altas planícies ou estepes, e além delas outras cadeias de montanhas, as Aures na Argélia, o Médio Atlas e o Alto Atlas mais a oeste. Para o sul há estepe, que se transforma gradualmente em deserto, o Saara, em partes pedregoso e em outras arenoso, com oásis e palmeiras. Ao sul do Saara fica uma área de prados, aguada pela chuva e o rio Níger, o Sahel do Sudão Ocidental.

O Magreb tem poucos rios que podem ser usados para irrigação, e foi o volume e a época da chuva que determinaram a natureza e extensão do assen-

tamento humano. Nas planícies costeiras e nas encostas das montanhas do lado do mar, que precipitam as nuvens de chuva vindas do Mediterrâneo ou Atlântico, era possível um cultivo permanente de grãos, olivas, frutas e legumes, e o alto das encostas das montanhas tinham boa capa de florestas. Além das montanhas, nas altas planícies, porém, as chuvas variam de ano para ano, e mesmo num mesmo ano, e a terra pode ser usada de um modo misto: cultivo de grão e pastagem de carneiros e cabras por migração sazonal. Mais ao sul, na estepe e deserto, a terra era mais apropriada à pastagem; criadores de carneiros misturavam-se com os de camelos, deslocando-se do deserto para o norte no verão. O Saara na verdade era a única parte do Magreb onde se criavam camelos; o animal chegou à área nos séculos anteriores ao advento do Islã. As regiões arenosas eram pouco habitadas, mas na outra parte criadores de gado misturavam-se com cultivadores de tâmaras e outras árvores nos oásis.

As principais rotas que uniam o Magreb ao mundo também corriam do norte para o sul. Os portos do Mediterrâneo e do Atlântico ligavam a região à península Ibérica, à Itália e ao Egito; rotas partiam deles para o sul, através da região colonizada e de uma cadeia de oásis no Saara, até o Sahel e além. Em alguns lugares, as rotas chegavam ao mar através de vastas áreas de terra cultivada, e aí grandes cidades puderam surgir e manter-se. Duas dessas áreas foram de particular importância. Uma ficava na costa atlântica do Marrocos; ali surgira nos primeiros tempos islâmicos a cidade de Fez, enquanto mais ao sul, e meio tardiamente, surgiu também a de Marrakesh. A outra era a planície costeira da Tunísia; ali, a principal cidade nos primeiros tempos islâmicos era Kairuan, mas depois seu lugar foi tomado por Túnis, que ficava na costa, perto do local da antiga cidade de Cartago. Essas duas áreas, com suas grandes cidades, irradiavam seu poder econômico, político e cultural sobre as terras em volta e entre si. A Argélia, ficando entre as duas, não tinha uma área assentada grande e estável suficiente para dar origem a um centro de poder semelhante, e tendia a cair na esfera de influência das duas vizinhas. Do mesmo modo, o poder de Túnis estendia-se sobre a Líbia Ocidental (Tripolitânia), enquanto Cirenaica, no leste, separada do resto do Magreb pelo deserto Líbio, que ali chegava até o mar, ficava mais dentro da esfera de influência do Egito.

A quinta área é a península Ibérica, ou Andalus, a área que foi governada e em grande parte habitada por muçulmanos (a maior parte no século XI, mas diminuindo aos poucos até desaparecer no fim do século XV). Sob certos aspectos semelhante à Síria, consistia de pequenas regiões mais ou menos isoladas umas das outras. O centro da península é um vasto planalto cercado e cortado por cadeias de montanhas. Dali, vários rios atravessam baixadas em direção à costa: o Ebro corre para o Mediterrâneo no norte, o Tejo para o Atlântico, cortando baixadas portuguesas, e o Guadalquivir para o Atlântico mais ao sul. Entre as montanhas que cercam o planalto central e o mar

Mediterrâneo, fica a área montanhosa da Catalunha no norte e planícies mais ao sul. Variações de clima e precipitação pluvial criam diferenças na natureza da terra e nos modos como se pode usá-la. No clima frio das altas montanhas, há florestas de cortiça, carvalho e pinheiro, e entre elas pastos onde se cultivava grão e se criava gado. O planalto central, com um clima de extremos, era adequado a um regime misto, o cultivo de grãos e olivas e a pastagem de carneiros e cabras. No clima quente dos vales ribeirinhos e planícies costeiras, cultivavam-se cítricos e outras frutas. Era ali, em áreas de rico cultivo e com acesso a transporte fluvial, que ficavam as grandes cidades — Córdoba e Sevilha.

A Espanha fazia parte do mundo mediterrâneo, e os portos de sua costa oriental ligavam-na aos outros países da bacia: Itália, o Magreb, Egito e Síria. Suas mais importantes ligações eram com o Marrocos, vizinho do sul; os pequenos estreitos que separavam as duas massas de terra não constituíam barreiras para o comércio, a migração ou o movimento de idéias ou exércitos conquistadores.

ÁRABES MUÇULMANOS E OUTROS

No século XI, o Islã era a religião dos governantes, dos grupos dominantes e de uma crescente parte da população, mas não é certo que fosse a religião da maioria em qualquer parte fora da península Arábica. Do mesmo modo, embora o árabe fosse a língua da alta cultura e de grande parte da população urbana, outras línguas ainda sobreviviam do período anterior à chegada dos conquistadores muçulmanos. No século XV, a inundação do Islã árabe havia coberto toda a região, e na maior parte era o Islã em sua forma sunita, embora ainda existissem adeptos de doutrinas que evoluíram nos primeiros séculos. No sudeste da Arábia e nas margens do Saara, havia comunidades de ibaditas que alegavam descender dos kharidjitas que tinham rejeitado a liderança de 'Alí após a batalha de Siffin e se revoltado contra o governo dos califas no Iraque e no Magreb. No Iêmen, grande parte da população aderiu ao xiismo na forma zaidita. O xiismo nas formas dos adeptos do Duodécimo e ismaelita, que havia dominado grande parte do mundo árabe oriental no século X, recuara; os adeptos do Duodécimo ainda eram numerosos em partes do Líbano, sul do Iraque, onde tinham seus principais santuários, e na costa oeste do golfo Pérsico; e os ismaelitas ainda se afeerravam à sua fé em partes do Iêmen, Irã e Síria, onde tinham conseguido opor uma resistência local aos governantes sunitas, os aiúbidas na Síria e os seljúquidas mais a leste. (Notícias de suas atividades, levadas de volta para a Europa na época das Cruzadas, deram origem ao nome "Assassinos" e à história, não encontrada em fontes árabes, de que eles viviam sob o domínio absoluto do "Velho das Montanhas".) Adeptos de outros rebentos do xiismo, os drusos

e nizaritas, também se encontravam na Síria. No norte do Iraque havia os yaziditas, seguidores de uma religião que tinha elementos derivados tanto do cristianismo quanto do Islã, e no sul os mandeus tinham uma fé derivada de crenças e práticas religiosas mais antigas.

No século XII, as Igrejas cristãs do Magreb haviam praticamente desaparecido, mas grande parte da população dos reinos muçulmanos de Andalus era cristã da Igreja Católica Romana. Os cristãos coptas ainda eram um elemento importante da população egípcia no século XV, embora seu número estivesse diminuindo pela conversão. Mais ao sul, no norte do Sudão, o cristianismo desaparecera no século XV ou XVI, à medida que o Islã se espalhava para o outro lado do mar Vermelho e pelo vale do Nilo abaixo. Em toda a Síria e no norte do Iraque, permaneceram comunidades cristãs, embora de forma reduzida. Algumas, sobretudo nas cidades, pertenciam à Igreja Ortodoxa Oriental, mas outras eram membros daquelas outras Igrejas que tinham origens nas controvérsias sobre a natureza do Cristo: a Ortodoxa Síria ou Monofisista e os nestorianos. No Líbano e outras partes da Síria, havia uma quarta Igreja, a dos maronitas; eles mantinham a doutrina monoteleta, mas no século XII, quando os cruzados dominavam as costas da Síria, já tinham aceito a doutrina católica romana e a supremacia do papa.

Os judeus espalhavam-se mais amplamente pelo mundo do Islã árabe. No Magreb, parte considerável do campesinato fora convertido ao judaísmo antes do advento do Islã, e ainda havia comunidades rurais judaicas, assim como no Iêmen e em partes do Crescente Fértil. Também se encontravam judeus na maioria das cidades da região, pois eles desempenhavam importante papel no comércio, manufatura, finanças e medicina. O maior número deles pertencia ao corpo principal de judeus que aceitavam a lei oral e sua interpretação contidas no Talmud e mantidas pelos educados nos estudos talmúdicos. No Egito, Palestina e em outras partes, porém, havia também caraftas, que não aceitavam o Talmud e tinham suas próprias leis extraídas das Escrituras por seus mestres.

Grande parte das comunidades judaicas era de língua árabe a essa altura, embora usassem formas características do árabe, e ainda usassem o hebraico para fins litúrgicos. Também entre os cristãos, o árabe espalhou-se no Crescente Fértil, Egito e Espanha; o aramaico e o síriaco encolhiam como línguas faladas e escritas, embora fossem usados em liturgias, e a língua copta do Egito praticamente deixara de ser usada para quaisquer fins, exceto os religiosos, no século XV; muitos dos cristãos de Andalus tinham adotado o árabe como sua língua, embora as línguas românicas que haviam herdado sobrevivessem e começassem a reviver. À margem da inundação árabe, em distritos de montanha e deserto, falavam-se outras línguas: curdo nas montanhas do norte do Iraque, núbio no sul do Sudão, e várias línguas no sul, dialetos berberes nas montanhas do Magreb e no Saara. Mas curdos e berberes eram muçulmanos, e à medida que se educavam passavam para a esfera da língua árabe.

